

José Matirhandze grava dez músicas

por Alfredo Macaringue

Com mensagens dedicadas ao histórico IV Congresso do Partido Frelimo, José Matirhandze, compositor e intérprete de música ligeira popular, natural e residente na Província de Gaza, vai lançar brevemente uma nova obra com a sua recente gravação de dez canções nos estúdios da Rádio Moçambique em Maputo.

José Tomás Ubisse, seu nome verdadeiro, já que o outro é artístico, é um homem alto e magro, fortemente marcado pelos longos anos de trabalho nas minas do «rand», para onde

na Cidade de Maputo, onde efectuou gravações para disco, tendo tomado parte ainda em alguns espectáculos que assinalaram o final do Festival da Juventude.



O contacto com o público é mesmo necessário e fundamental — José Matirhandze ao «Notícias». (Foto de Américo Miliço)

se deslocou pela primeira vez em 1943.

MOTIVO DA SUA PRESENÇA NA CAPITAL

Aquele artista de música ligeira popular esteve muito recentemente

— Neste recente trabalho, com a participação de um músico popular bem conhecido na capital do País, Ernesto Zave, gravei dez canções, todas novas — diz Matirhandze, acentuando que as recentes canções estão essencialmente viradas à forma apoteótica como a população da Pro-

víncia de Gaza recebeu o Congresso do Partido Frelimo.

No seu jeito de saber explicar, José Matirhandze, ia prosseguir quando o interrompi, pedindo que me falasse do seu percurso como compositor.

— Aprendi a tocar viola na África do Sul. Vim aperfecionar em 1962, quando regresssei a Moçambique, tocando melodias próprias do nosso País — diz sorrindo, para acrescentar — tantos músicos contribuíram para a minha evolução, como Jacinto Chichava, Eusébio João Tamele, Francisco Mahecuane, Alberto Langa, entre outros. Ia esquecer-me de dizer também que na África do Sul gravei oito discos que tiveram muita aceitação naquele país.

Uma vez regressado a Moçambique — prossegue o músico — continuei a trabalhar mas, sem gravar, porque era muito difícil na altura gravar aqui em Moçambique. As autoridades coloniais complicavam-nos muito.

NA FACIM-78 CONQUISTEI O PÚBLICO

Pela primeira vez na FACIM, em 1978, José Matirhandze sente-se feliz ao constatar a aceitação de que goza no seio do público amante da música ligeira popular.

— O contacto com o público era mesmo necessário e fundamental — diz-me com convicção. E adianta:

— Foi aqui onde ganhei o maior público. Cantava mas não sabia quais eram os resultados do meu trabalho. E penso que é no público onde recolhemos a sensibilidade que nos permite cantar coisas que vão ao encontro das suas aspirações.

Mostrando-se cada vez mais entusiasmado com a nossa conversa, Matirhandze afirma que a este propósito vai compor mais canções interpretando a vida e os gostos desse público.

SOU AGRICULTOR

Para além de cantar, em que mais se ocupa? — indaguei.

— Eu sou camponês. Tenho um hectare de milho com sistema de regadio no Lionde. Portanto, dedico-me à agricultura em tempo inteiro. Mas, há um assunto que me preocupa...

— Qual é? — perguntei.

— Lá no distrito de Chókwê todas as vezes que recebemos ajuda alimentar para nos socorrer da seca, nunca chega para todos. Este problema preocupa-nos muito e arrasta-se já há muito tempo.

Depois de se queixar das irregularidades verificadas na distribuição dos donativos de combate à seca, José Matirhandze tocou algumas músicas para os meus colegas e assim a entrevista com ele terminou com um convívio musical...

N. 15/7/83
Música